

# JOGO DE MATRIOSKAS – a ação autoimplicada do artista- curador: uma entrevista com Jorge Alencar

Joceval Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** Jorge Alencar é um articulador. Desde a instigante aparição do Dimenti, em 1998, como uma companhia, até o seu prestígio atual como performer e curador, Jorge tem funcionado como uma espécie de catalizador – de experiências, olhares, desejos, habilidades, riscos, interesses, mas se colocando sempre também disposto à combustão. Basta revisar a trajetória e o repertório do Dimenti, o portfólio do “IC – Encontro de Artes” (que surgiu em 2006) e os trabalhos como o filme *Pinta* e a performance *Um Corpo que Causa*, para perceber que suas aventuras como artista e curador exploram sobretudo a conexão como um modo de operação. Aliás, curadoria e criação são duas práticas que, no seu caso, se apresentam cada vez mais como lados reversos.

**Palavras-chave:** Jorge Alencar; Dimenti; IC-Encontro das Artes; curadoria; artista-curador



**Abstract:** Jorge Alencar is a firebrand. From the incendiary appearance of Grupo Dimenti in 1998 to his current prestige as a performer and curator, Jorge has been something of a catalyst, luring the public's gaze, fashioning experiences and desires whilst always putting himself at risk of combusting. Just one look at his CV, Dimenti's repertory,

<sup>1</sup> Joceval Santana é jornalista e curador de Festivais Internacionais de Artes. Foi colunista, repórter e editor cultural dos Jornais A Tarde e Correio da Bahia no Brasil. Mais recentemente tem trabalhado para o Festival Internacional Viva Dança (Salvador e Belo Horizonte) e o FIAC - Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia.

the IC – Arts Encounter Festival’s portfolio (which emerged in 2006) or projects such as the film *Pinta* and the performance *Corpo que Causa* is enough to realize that his adventures as an artist and a curator explore above all the notion of connection as a *modus operandi*. Moreover, curation and creation are two practices that, in this case, appear ever more to be two sides of the same coin.

**Key Words:** Jorge Alencar; Dimenti; IC-Encontro das Artes; curation; artist-curator.

### **J. Santana: Qual a ligação entre a sua atuação como artista e como curador?**

**J. Alencar:** Há dez anos, comecei a me experimentar na posição de curador com o desejo de pensar curadoria como composição e dinamização de contextos. O "IC - Encontro de Artes" surgiu, em 2006, com essas duas finalidades primordiais e com o intuito de elaborar um discurso alimentado por alguns dos motores que animam nosso trabalho artístico, dentre os quais, o espaço para o risco. Não por acaso, incluímos nossos trabalhos na programação do Encontro, entendendo curadoria de um jeito enfaticamente autoimplicado, evitando supostas posturas de neutralidade. A curadoria do IC aciona as nossas lógicas de criação em relação com as práticas de outros artistas e não busca configurar uma mostra-vitrine com atividades genéricas e obras destacáveis de um determinado ano. Enquanto isso, tenho me envolvido com outros projetos com acentuado caráter compositivo e político como um modo de articular as posições de artista e curador, a exemplo do "com.posições políticas", realizado na cidade do Rio de Janeiro em 2011 e 2012.

**Usei a palavra “ligação”, que conceitualmente estabelece uma ponte entre dois campos, dois espaços distintos. Você usaria outra ou outras definições que acredita melhor caber nas suas práticas?**

Liga e ponte são imagens possíveis para articular os lugares de artista e curador, no entanto, tenho buscado entender essas duas posições mais como uma matrioska, aquela “boneca russa” que abarca uma série de bonecas de tamanhos diversos, uma existindo dentro da outra. Inclusive alguns dos meus recentes trabalhos artísticos têm muito

a ver com um movimento de curadoria na criação. Souvenir é uma peça feita para acontecer em quintais de casas e que é constituída de fragmentos de obras minhas e dos três performers participantes - Fábio Osório Monteiro, Leonardo França e Neto Machado - e de ignições de criação existentes desde o tempo em que brincávamos de ser artistas no quintal de casa, indagando quais dessas pulsões ainda nos alimentam e nos trazem vitalidade.

**Em termos cronológicos, o artista Jorge Alencar veio primeiro. Como este olhar passou a agregar valor ao seu trabalho como curador?**

Curador e artista têm se atravessado intensamente. Ultimamente, comecei a testar uma pesquisa coreográfica em que eu acesso os trajetos artísticos de alguns criadores brasileiros, suas obras e lógicas de composição, e os organizo em solostrip-tease junto a cada um desses parceiros. Tomar obras existentes como matéria de criação performativa é um jeito bem claro de fazer emergir a matrioska do artista-curador que escolho exercer.

### **E o curador ressignificou o artista?**

Totalmente. Curadoria para mim não é um “job” ou uma prestação de serviço, mas sim um outro jeito de ser artista. Além disso, é uma forma de continuar estudando e pesquisando. Entrar em contato com aquilo que tem sido gerado no campo das artes, indo bem além de eleger “peças que funcionam” para o festival que realizo. É um modo de refinar uma autopercepção sobre meus reais interesses como criador. Junto a isso, ainda fortaleço uma rede de troca de referências com certa comunidade de artistas contemporâneos em diferentes regiões do país e no contexto internacional.

**Acho que aqui cabe falar um pouco do filme *Pinta*, para mim em evidencia de como a curadoria passou a influenciar sua sensibilidade em organizar modos de expressão.**

Em *Pinta* eu passo em revista o meu trajeto como diretor, conectando ideias e obras já existentes em um tecido compositivo inédito - no caso audiovisual -, ao acionar um filtro curatorial sobre esse percurso. A posição de curador-criador me permite estabelecer diálogos com os trabalhos de outros artistas - sejam obras, processos ou outras ações -, me ajudando a entender algumas coisas como: 1) ser artista não é sinônimo de criar novas



obras em sequência; e 2) no lugar de endossar a obsessão da novidade na criação, como podemos lidar com emergências que venham da reciclagem e reativação de pesquisas e trabalhos já existentes - sejam nossos ou dos outros? *Pinta* me ensinou também que é possível criar sem tanta pressa, favorecendo um movimento de escuta da obra que fazemos. Foi o próprio filme, por exemplo, que decidiu ser um longa-metragem já que, quando roteirizamos, suspeitávamos que seria, no máximo, uma média-metragem.

**Voltado ao “IC” como uma “rede de troca de referências com uma comunidade”, como você mesmo disse.**

Bem, o encontro desde o seu início tornou evidente a subjetividade como eixo curatorial. É quase uma curadoria como expansão do seu desejo como artista/criador. Ou um espaço de projeção deste(s) desejo (s). Faço a curadoria do “IC” com meus parceiros da Dimenti Produções Culturais e da Conexões Criativas: Ellen Mello, Neto Machado, Leonardo França e Fábio Osório Monteiro. Junto a eles, tenho exercitado meus lugares de desejo como um prática meditativa diária ou como um abdominal que fortalece meu centro. Contudo, é preciso ressaltar que nosso desejo é sempre atravessado por diversas contingências que também orientam, restringem ou dão potência a um processo curatorial. Cada escolha diz respeito a um desejo, a um lugar de fala politicamente motivado, mas também a circunstâncias estruturais que nos possibilitam ou nos impedem de realizar coisas em cada ação do “IC - Encontro de Artes”. Além de conceitos e práticas artísticas, lidamos com orçamento, logística, situação política do Brasil e do mundo, embates institucionais e tudo isso negocia com nossos desejos e com a forma como uma configuração curatorial ganha materialidade.

**O “IC” é meio um “diz-me com quem anda...”. É uma forma de se colocar no mundo, um discurso, uma tribuna.**

Cada vez mais, queremos gerar falas mais específicas e menos generalistas no “IC”. Não temos a pretensão de criar qualquer fantasia pseudo-democrática de que estamos atendendo a todos os públicos e modos de se fazer arte. Isso me pareceria uma postura clientelista de pensar curadoria. Fazemos arte para públicos diversos, mas, certamente,

há recortes claros aí. Sabemos que estamos mais em diálogo com gente interessada em se arriscar e se deparar com coisas que ainda não compreendem totalmente do que com pessoas que querem reconhecer e reafirmar o repertório estético que já possuem.

**Mas é também um espaço lúdico, evidentemente lúdico, e aí acho que é a presença do seu lado artístico, como um ascendente.**

Ludicidade e brincadeira são coisas que levo muito a sério porque elas favorecem o aprendizado e a descoberta e atizam a curiosidade nossa e do público. Elas estão muito presentes em minhas criações e na curadoria do “IC”. E aqui vai um *spoiler*. Em 2017, no “IC11”, vamos acentuar essa ludicidade no recorte curatorial que estamos elaborando, em que beberemos da infância não enquanto uma fase cronológica do desenvolvimento humano ou um público-alvo a quem podemos destinar nossos trabalhos, mas como uma pulsão de vida e de criação.

**Como conector, o “IC” é um desdobramento/prolongamento também das relações que passaram a permear o grupo Dimenti, que aliás, nos seus últimos trabalhos já trazia conceitualmente a curadoria como eixo conceitual, criativo e de mediação.**

Desde que fundamos o Dimenti, no período em que ainda éramos um grupo nuclear, já queríamos ir além da criação em série de espetáculos. Sendo assim, a curadoria foi um jeito muito claro na direção de tecer espaços de fortalecimento colaborativo que gerassem plataformas de contato entre nosso trabalho e o trabalho de outras pessoas no mundo, potencializando a cena baiana e brasileira. E de criar relações dialógicas com o público de modo propositivo e provocador.

**Podemos falar de curadoria como o exercício de utopia? Sua funcionalidade estaria, portanto, ligada ao desejo político.**

Entendo curadoria como uma prática performativa de criar realidades e mundos possíveis, de performativizar desejos e lugares de fala. E isso implica uma dimensão política para mim evidente. Diante de todas as adversidades que enfrentamos na realização de um festival, é esse movimento, ao mesmo tempo utópico e concreto, que nos faz seguir.

